

ESCOLA, GEOGRAFIA E QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS

Eunice Isaias da Silva¹

RESUMO: No atual estágio de desenvolvimento social, estruturou-se um novo modo de vida baseado em um consumismo exagerado, onde “ter é poder”. Novas necessidades foram criadas; para satisfazê-las, tem aumentado a degradação ambiental e deteriorado as relações entre os seres humanos. A escola pode instrumentalizar-se e criar situações de participação na tentativa de atenuar e até mesmo modificar essa realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação ambiental, Ensino de Geografia, Escola e ambiente.

SCHOOL, GEOGRAPHY AND SOCIAL ENVIRONMENTAL QUESTIONS

ABSTRACT: In the present stage of social development, a new way of life has been created based upon an exaggerated consumption, which means “possession is power”. New necessities were created to satisfy these consumption demands. So, the environmental degradation increases day by day and the relationship among people is becoming worse and worse. The school can be equipped to create new and improved forms of participation to change this reality.

KEY WORDS: Environment education, Teaching of Geography, School and environment.

INTRODUÇÃO

O aumento da degradação ambiental e a queda da qualidade de vida, resultado em grande parte da difusão da ideologia do consumismo no mundo capitalista, exacerbada, principalmente, a partir dos anos 50, despertaram a preocupação dos estudiosos. E mesmo considerando que possa existir um certo exagero por parte dos meios de comunicação, a problemática é real e exige seriedade no tratamento dessa questão.

1. Professora Assistente de Geografia, Cepae – UFG. Campus II – Goiânia – GO. CEP – 74.001-970. Internet: <http://www.cepae.ufg.br>

O presente artigo pretende fazer algumas reflexões acerca desse tema e propor uma discussão sobre a atuação da escola, notadamente no campo da ciência geográfica. O texto está dividido em duas partes: na primeira parte, discute-se emergência do problema no Brasil e, na segunda, a atuação do ensino. Sem a pretensão de ser um trabalho conclusivo, mas imbuído do interesse de participar de um debate que necessita superar as barreiras científicas e se preocupar com a construção de um mundo melhor para se viver.

A QUESTÃO AMBIENTAL

Foi justamente durante o período da modernização agrícola que aumentaram as agressões socioambientais no Brasil. “A partir do milagre econômico (1968-1973) ao período de crise que o seguiu, agravam-se os problemas ambientais” (Coelho & Costa, 1986, p. 19).

A utilização de tecnologias objetivando o domínio do capital sobre a natureza é muitas vezes desastrosa, fundamentalmente quando não há uma adequação tecnológica, como é o caso do Brasil, onde esta foi importada de países com ecossistemas bem diferenciados, sem estudos científicos para sua adaptação local. Vale ressaltar que

a possibilidade de aplicação de insumos modernos de forma proveitosa depende em grande medida de pesquisas genéticas cuja característica central é o alto grau de variabilidade de acordo com as condições ecológicas. (Sorj, 1980, p. 66)

O poder também é exercido através da tecnologia: poder sobre a natureza, poder dos homens sobre os outros homens – poder dos que têm sobre os que não têm. Assim, expandiu-se o uso tecnológico na agricultura, provocando impactos ambientais, como na devastação da vegetação natural (resultando em chuvas intensas, secas prolongadas, geadas inesperadas, desmoronamentos etc.). Existem ainda os impactos sociais, principalmente desempregos, pois o Brasil é um país com grande número de mão-de-obra disponível, o que deveria ser considerado ao se planejar qualquer mudança no campo e na cidade.

Verifica-se também o uso intenso da monocultura em grandes proporções espaciais, promovendo uma simplificação do ecossistema,

o que origina grandes desequilíbrios ambientais, como o desaparecimento de espécies vegetais e animais, erosão, enfraquecimento do solo e outros. O espaço vai se tornando cada vez mais homogêneo:

as coisas belas da Natureza estão deixando de existir. Monoculturas extensas de cana-de-açúcar, soja, de milho, de laranja, de pastagens, este é o retrato do campo hoje. São verdes também, mas são tristes e monótonos como os desertos. (Graziano Neto, 1982, p. 126)

E a cidade também passa por transformações, pois, com o desen-volvimento do capitalismo, a demarcação de separação cidade–campo tende a se tornar cada vez mais tênue, com a industrialização de produtos agrícolas no próprio campo, utilizando trabalhadores da cidade. Constrói-se uma continuidade entre cidade e campo, o que provoca um novo rearranjo espacial, intensificando o êxodo rural, o ritmo de urbanização e metropolização.

De acordo com Silva (1993), a articulação cidade–campo fez uso de ideologia para criar necessidades e estimular o surgimento de novos mercados para os produtos agroindustriais – e, para tal, verdadeiras campanhas foram empreendidas a fim de modificar os hábitos e consumos alimentares. Como exemplos, podem ser citados: a utilização do leite em pó em substituição ao leite materno; o uso de produtos congelados; o emprego de ração industrializada para animais etc. Aperfeiçoaram-se as técnicas de conservação de alimentos através do congelamento e houve acréscimo de aditivos sem uma preocupação séria com a qualidade alimentar, mas apenas com o aumento do consumo. Isto sem falar dos problemas socioespaciais das cidades, acentuados pela migração rural-urbana, trazendo, em seu bojo, crescimento desordenado da cidade, desemprego, subemprego, falta de moradia adequada, ocupação de áreas de risco, enfim, péssimas condições de vida.

Esses problemas criados pelo ser humano nem foram resolvidos e outros já estão surgindo ou sendo agravados pelo consumo exagerado e pelo descaso da esfera administrativa e da sociedade civil. É diante dessa constatação que a escola pode atuar como um importante elemento de conscientização e de mobilização na luta por uma melhor qualidade de vida, que passa também por uma sociedade

mais justa, composta por cidadãos que cumprem seus deveres e também têm seus direitos assegurados.

A ESCOLA E AS QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS

O tema socioambiental possibilita um trabalho interdisciplinar em que o olhar da Geografia é de suma importância.

Cabe à Geografia questionar se hoje ainda existe espaço natural e discutir a concepção de tempo histórico, pois a noção de tempo é uma criação do ser humano. Nessa perspectiva, as forças sociais ou históricas prevalecem sobre as forças naturais. A Terra é hoje um espaço geográfico, apresentando diferenciação espacial e obedecendo não só à dinâmica “natural”, mas principalmente à dinâmica do poder exercido pela tecnologia.

O enfoque deve ser de acordo com uma proposta de visão integradora da sociedade e natureza, considerando a transformação contínua do espaço, porque a natureza é uma totalidade; o próprio ser humano é natureza, entretanto diferencia-se dos outros elementos naturais. O estudo do espaço geográfico necessita analisar os aspectos naturais e sociais, considerando o processo histórico, isto é, como a sociedade se organiza e produz, como ela se apropria da natureza para produzir.

O debate na escola deve ter entre os seus objetivos a mudança de atitudes no cotidiano, o que se tornará possível com o despertar da consciência crítica, através da avaliação da realidade em que vivemos. Essa avaliação envolve questões como: será que o tratamento destinado aos recursos naturais no Brasil e no mundo é satisfatório? Deve-se repensar também o conceito de desenvolvimento e o modelo de viver socialmente. E o ser humano? O que dizer da qualidade de vida, fome, miséria, injustiça social, respeito etc.? Ao relacionar esfera global e local, percebe-se que há uma interdependência mundial. A globalização é econômica, social e ambiental. O aumento da população, a eficiência dos meios de comunicação, a modernização tecnológica e a formação de um extenso mercado consumidor globalizam também os problemas ambientais, as doenças, as curas etc.

Assim, é importante refletir sobre a ocupação territorial, os fenômenos naturais do clima e as consequências catastróficas, da

exploração indevida da natureza, relacionando esses aspectos com o estudo da cidade e do campo, a fim de então propor soluções e conhecer tecnologias a fim de precaver-se dos riscos e prejuízos.

Uma comparação da questão socioambiental em diversas sociedades na história permite perceber as diferenciações nos modos de vida e que a problemática do desperdício ambiental se acentua com o aumento do consumismo e sua tendência de padronização. A cidade é *locus* de consumo. Contudo, o sonho de consumo não é uniforme para todos, varia entre países e dentro de uma mesma sociedade de acordo com o padrão de vida.

O ambiente urbano com suas indústrias, construções, comércio, asfalto, transporte, moradia vai definindo a qualidade de vida dos seus moradores de acordo com o modelo de desenvolvimento adotado. Da mesma maneira, os danos socioambientais da produção agrícola – uso de agrotóxicos, monocultura, perda da biodiversidade, estrutura fundiária, desemprego, êxodo rural e conseqüente concentração populacional urbana e seus resultados – reafirmam o que foi destacado por Oliveira (1988, p. 101): “hoje mais do que antes cidade e campo formam um todo só, diverso e contrário, porém uno e indivisível”.

Somente, portanto, com pressupostos mais amplos que uma educação socioambiental é que se poderá pretender formar cidadãos conscientes, utilizando o ensino-aprendizagem para aquisição de novos procedimentos no dia-a-dia. Para tanto a escola precisa proporcionar um ambiente saudável e coerente com essa nova proposta, bem como garantir que os alunos possam colocar em prática sua capacidade de atuação e intervenção na realidade, lembrando que a casa, a rua, o bairro e a escola constituem os ambientes mais próximos de cada pessoa, onde cada um atua diariamente e onde se deve manter coerência com uma nova postura ambiental.

É um fazer e refazer! Pelo aprofundamento teórico, repensar a prática na própria escola e na comunidade, relacionando o que aprendemos com a realidade da vida cotidiana, é uma tentativa de resgatar os vínculos individuais e coletivos com o espaço em que vivemos, buscando soluções para os problemas ambientais que os envolvem.

A abordagem dos aspectos regionais e o envolvimento da comunidade são de suma importância, contudo, deve-se ir além deles, e

apontar soluções, evitando uma visão catastrófica e fatalista. Deve-se trabalhar a globalidade, mas sem esquecer os vínculos subjetivos com o ambiente (sentimentos, prazer, raiva, amor, lembranças e outros), destacando sempre que o ser humano é natureza e que devemos apreciar e ter respeito pela diversidade natural e sociocultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desequilíbrio natural e social é, em parte, resultado do modo de produzir e fazer do cotidiano. Daí, a necessidade de que o aluno perceba a urgência de adotar novas formas de agir e de relacionar com a natureza e de novas posturas dos seres humanos entre si. A educação socioambiental é uma das condições básicas para essa mudança, pois trata de formação de opinião e de hábitos. A escola deve-se preocupar com o desenvolvimento de capacidades articuladas à participação, à co-responsabilidade e à solidariedade nos dias atuais. A participação é fundamental para construir a cidadania e para assumir os direitos e deveres no tocante ao viver social.

Pela comparação entre ambientes degradados e outros mais equilibrados pode-se conseguir uma nova perspectiva de mundo, o que, como já foi exposto, poderá iniciar no próprio ambiente escolar, sem perder de vista, no entanto, o aspecto global do tema em questão. Essa totalidade permite ir além da necessária conservação da diversidade natural, na medida em que ressalta ainda o respeito com as diversas formações étnicas e culturais que necessitam ser resgatadas e preservadas.

Como se viu no início deste artigo, não se pretende concluir a temática proposta, mas delinear um trabalho importante e necessário, possivelmente lento e demorado. Contudo, se os objetivos forem alcançados, com certeza terão efeitos duradouros. É importante ressaltar que essas atividades poderão ser mais bem desenvolvidas de forma interdisciplinar e com toda a comunidade escolar, envolvendo, até mesmo, outros segmentos da sociedade, pois “a ciência, sozinha, não conseguirá resolver os problemas ambientais do planeta [...] a cultura popular tem muito a contribuir para a construção de um mundo melhor” (Mendonça, 2002, p. 74).

REFERÊNCIAS

COELHO, M. C. ; COSTA, R. G. *Meio ambiente e Constituinte*. Rio de Janeiro: AGB, 1986.

GRAZIANO NETO, F. *A questão agrária e ecologia: crítica da moderna agricultura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MENDONÇA, F. A. *Geografia e meio ambiente*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002. 80 p.

OLIVEIRA, A.U. *A geografia das lutas no campo*. São Paulo: Contexto; Edusp, 1988.

SILVA, E. I. *Agroindústria da cana em Goiás – transformações espaço-sociais e o trabalho da mulher canavieira*. 1993. 113 p. Dissertação (Mestrado de Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

SORJ, B. *Estado e classes sociais na agricultura brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.